

O FANTASMA DE RAUL TOMASIO

A GISÉLIA

Naquele domingo comum, quando a primeira porta se abriu, às cinco e meia da manhã, na casa de tolerância de Maria Egípcíaca, a notícia já se encontrava no ar, como se fizesse parte dele ou estivesse aderida à sua terrível secura como o musgo à pedra milenar que o sustenta. O ar estava árido e a ausência prolongada de chuvas, desde janeiro do ano anterior, criara certa obsessão odiosa na alma das pessoas. Nem mesmo no dia em que o Demônio Sebastian pisou pela primeira vez no chão enlameado de Santa Maria do Suaçuí, os comentários tinham sido tão intensos. Maria Egípcíaca, o rosto dolorido de sono e tédio, repetiu para cada uma das cem mulheres que exerciam o ofício mais antigo do mundo em sua casa palavra por palavra da notícia, com a mesma inflexão arrastada e solitária de sua voz. Uma ou outra mulher teceu comentários jocosos acerca da terrível coincidência, ela ralhou de uma forma quase rude, não muito comum.

Caminhando lentamente e em silêncio — ouvia-se apenas o murmúrio característico de roupas íntimas — elas dirigiram-se, em filas desordenadas, ao pátio de cimento colorido, onde dez mesas repletas as aguardavam para a ceia matinal de domingo. Naquela noite, elas teriam tanto trabalho que jamais se esqueceriam de como tinha o corpo doído na madrugada morna e também não haveriam de esquecer da multidão de lençóis enso-pados de suor a balançar nos arames do pátio, exalando um odor agridoce, na esplêndida manhã de segunda-feira, antes do enterro de Raul Tomásio.

*

Raul Tomásio, só de cuecas, fazia a barba de uma semana, mirando-se num pedaço de espelho, no tanque do pátio. Era um homem alto e espadaúdo; tinha os olhos minúsculos — da cor do azeviche — sob sobranças espessas. Seu queixo era pronunciado, a boca larga; as faces salientes e terrosas. Na mão direita, peluda e enorme, segurava a navalha, que ia abrindo um sulco raso ao longo do rosto. A casa em que morava era uma construção de arquitetura primária e sem conforto. Possuía dois quartos, uma sala minúscula, onde os únicos móveis eram uma mesa toscamente talhada e seis tamboretos igualmente fabricados e a extensa estante, preenchida por centúrias de livros. A comida ele mesmo preparava num fogareiro abrigado sob a cobertura de zinco, a um canto do pátio.

No espelho, comparou a metade do rosto cheia de espuma com a outra já inteiramente barbeada. Abriu a boca de dentes brancos num sorriso sem nexos e tolo. No instante em que empunhava a navalha, pela última vez, o Padre Atanágua surgiu no alto da escada. Enquanto a figura do padre deslizava com lentidão de tartaruga em sua direção, ele enfiou a cabeça sob a torneira e assim permaneceu — a água a escorrer pelos ombros — por alguns instantes. Sacudiu a cabeça, a água espalhou-se pelos quatro cantos, e pegou a toalha que jazia no varal. O pároco, ainda sem dizer nada, observou-lhe os gestos distraidamente. Enxugou o rosto com rudeza e, mesmo quando ungiu pedra alúmen nos cortes provocados pela navalha, não deixou de fazê-lo com metódica severidade. Padre Atanágua riu daquela ingenuidade disfarçada.

— Você é uma criança — disse ao cabo de alguns segundos. Puxou a batina e assentou-se pesadamente no banco. Raul Tomásio, depois de recolocar a toalha molhada no varal, pôs-se junto dele.

— Isso não é defeito, mestre — disse como se estivesse a falar consigo.

— E então, seu suicídio estava marcado para hoje, não é? — Raul Tomásio fez um gesto de assentimento, meio aborrecido — para que horas estava previsto?

— Está previsto para as quatro horas da tarde — disse com entonação forte e solene, e apontou para a goiabeira centenária, plantada no fundo da casa. Só então o pároco pôde ver a força improvisada em seus galhos. Pendia a corda de maneira estóica e incontestável, como se agredisse o que havia em volta. Com olhos resignados, Padre Atanágua abaixou a cabeça e falou como se pedisse desculpas. O tom que empregou soou, a princípio, em forma de súplica, para depois tomar corpo de uma desolação dissimulada.

— É sobre isso que devo falar. Ontem fui procurado pelo prefeito, que estava acompanhado do juiz e de uma série de pessoas. Eles dedilharam sobre a mesma tecla: você não pode morrer hoje. É inviável que a coisa se dê logo hoje. O bispo chegará com a comitiva dos deputados ao meio dia. Uma multidão já os aguarda na entrada da cidade — respirou fundo, tomando coragem para continuar; sabia que trilhava um caminho perigoso e delicado — sua morte seria a água no vinho da festa que a cidade preparou.

— Mas eu tinha marcado minha data bem antes, o senhor sabe disso — disse Raul Tomásio, sem rancor.

— Todos sabem disso — vociferou o pároco — mas faria diferença para você morrer amanhã, segunda-feira?

Raul Tomásio ficou calado e assumiu uma atitude pétrea. — Amanhã é, sem dúvida, o dia ideal — continuou Padre Atanágua — pois a multidão que invadiu a cidade há de esperar para assistir os seus funerais. Será um enterro muito concorrido. Claro está que, como suicida, você não passará pela igreja, mas eu próprio prometo ajudar na organização, para que tudo corra às mil maravilhas.

Enfiou a mão no bolso direito da batina e tirou um bilhete. Raul Tomásio não lhe mirava o rosto, que se fazia rubro e satisfeito.

— Olhe, aqui está, é do senhor Ilário, o homem mais rico de que se tem notícia. Aqui ele diz que o ataúde será de madeira de lei, terá dobradiças de prata, e seda chinesa no acolchoamento, caso você concorde em morrer, não hoje, mas amanhã.

Mesmo o prefeito afirmou que discursará na solenidade — deu um tapinha amigável nas costas de Raul Tomásio, antes de concluir — jamais se terá notícia de outro enterro igual ao seu. Será digno de um rei inglês ou de qualquer monarca do mundo inteiro.

— E o bispo? — arguiu Raul Tomásio.

— Irá embora, à meia noite, junto com os deputados — e piscando os olhos azuis e bondosos — então, o que me diz?

— Não digo nada — e franziu o cenho.

Não houve sequer um segundo de atraso. Ao meio dia em ponto, o sol bem ardente, no ápice de sua trajetória, toda a multidão escaldava de suor, o carro do bispo e o ônibus colorido que trazia os políticos acionaram suas buzinas estridentes, um quilômetro antes de invadirem a cidade como uma manada de búfalos sob um vendaval, erguendo a poeira antiga nas ruas descalças. Foi tudo tão grandioso quanto uma chuva mágica de estrelas cadentes ou uma explosão luminosa da massa lunar. Pelos terreiros, os animais domésticos emitiam toda a sorte de ruídos, contrapondo-se à balbúrdia das buzinas e ao vozerio descomunal. A multidão gigantesca foi arrastando consigo trastes, papéis velhos, sonhos doloridos, controvérsias, conversas desencontradas e uma gama de contradições, seguindo a caravana visitante, que entrou na realidade morna das casas e ruas com as dimensões inesperadas da fatalidade. Alguns olhares límpidos e oblíquos do bispo lançados ao cortejo deixavam ver o contentamento pelo alcance de sua visita. E essa mesma qualidade oblíqua e brilhante pôde ser também notada no tom eloqüente de sua voz quando pregava no alto-falante da praça que transbordava de gente. Suas palavras saíam arrastadas como se trilhaassem sobre lixas e fossem aquecidas por uma centena de maçaricos. Era ele um homem alto e gordo, a tez avermelhada, grandes mãos e uma maneira pesada e peculiar de mover os braços e sacudir os ombros. Devido ao hábito de fumar cigarros sem filtro, seus dentes tinham se tornado amarelados, o hálito azedo recendia a tabaco, e os dedos da mão direita, o médio e o indicador (onde segurava o cigarro aceso) estavam enegrecidos

de fumaça — a tonalidade era de um amarelo que tendia ao cinza-claro e com leves deslizes para o verde-oliva. O porte, que era de natural imponente, sob as dimensões suntuosas de sua indumentária, tornava-se quase intangível nas raias da imaginação do populacho. E ele sabia disso. É tanto que sua voz arrastada entrava pelos ouvidos das pessoas, seguia o trilho secreto de cada história individual, mergulhava nos lagos de cada coração e ali bailava infinitamente, num leve movimento pendular, como a luz presa no cárcere de um diamante fantástico.

O séquito pomposo invadiu a tranqüilidade do palanque armado diante da matriz. Trajando ternos de casimira, os deputados, que eram quinze arrogantes senhores, subiram as escadas do palanque, logo depois do bispo, e foram prontamente seguidos pelo Padre Atanágua, o prefeito, o juiz e o senhor Ilário. Durante os vinte minutos que falou à platéia maravilhada pela visão quase seráfica, Padre Atanágua elogiou o comportamento singular e a imensurável dignidade de Raul Tomásio, que prontamente adiarda seu compromisso maior, a fim de evitar quaisquer distúrbios naquele encontro cívico-religioso. Naquela madrugada, durante a viagem de volta, ouvindo os rancos do motor que se opunha aos murmúrios das rosas noturnas, o bispo refletiu friamente e chegou à conclusão que nem seu anel majestoso ou sua indumentária quase divina despertaram tantas admirações quanto o nome inexpressivo do homem que se enforcaria no dia seguinte.

Raul Tomásio, por sua vez, tinha a alma em prantos. A sua lógica implacável foi dissecando cada sentimento que ia sendo despertado nele. Assim viu que erradamente concordara em acatar a insistência enganadora do pároco. Se tivesse resistido àquelas razões cruas, às quatro da tarde teria seu corpo verticalmente tombado do arbusto. De qualquer forma, ali, naquele quarto miserável, estava ele, olhando o teto carcomido; era uma imagem falsa de si mesmo. Porque o verdadeiro Raul Tomásio estava morto desde o instante que se curvara ante o apelo de Padre Atanágua. No dia seguinte, ao colocar a corda em torno do pescoço, Raul Tomásio teria uma sensação idêntica, entretanto, a visão dos contornos de sua morte, sob a goiabeira cen-

tenária, aliviou, em parte, a obscuridade em que sua alma estava mergulhada.

*

Na manhã de segunda-feira, uma chuva fina abriu suas asas sobre a cidade. Muita gente achou comum, e até mesmo muito natural que num ano tórrido e de grandes acontecimentos pudesse acontecer aquilo ou qualquer outra coisa. Entretanto, ninguém teve o cuidado de notar que a chuva, embora fina, entrava pela alma das pessoas e causava nelas uma sensação de mal estar e remorso. Foi com esse sentimento angustiante que Raul Tomásio acordou. Sentia uma forte dor de cabeça e os músculos em frangalhos. Olhou o retângulo da janela e percebeu a chuva que, instantes depois, penetrou pelos veios de seus olhos, dobrou a primeira esquina dentro dele e formou um lago cálido, numa região de acesso quase impossível. Ele se levantou da cama, trocou a roupa, pegou o jarro e despejou água na mão, molhando, a seguir, o rosto, numa tentativa de capturar a lucidez. Olhou, pela última vez, o quarto, com certo ar de vago amor, antes de adentrar a solidão da sala. O quarto era pequeno, as paredes descascadas; havia ali um catre de madeira vulgar, um lavatório com bacia de metal, um jarro de minúsculas rosas artificiais já tão empoeiradas pelo tempo que não se lhes podia distinguir sequer a cor, que parecia um amarelo desbotado e apático.

Raul Tomásio puxou a corda e viu que estava bastante firme. Não tinha o que temer, pensou. Sentou-se no banco de madeira, sob a força, e tirou cuidadosamente os sapatos. Colocou-os junto ao tronco. Seus gestos eram medidos, e não havia hesitação alguma naquele semblante terroso. Nem mesmo no momento em que subiu no banco e colocou a corda em volta do pescoço, houve qualquer indício de medo nele. A corda lhe apertou como uma velha amiga. De súbito, empurrou o banco e seu corpo estirou-se sob o clangor da morte, como ele tinha previsto.

*

* *